

**PERSPECTIVAS DIALÓGICAS SOBRE
UM MAPEAMENTO MUSICAL DA MARÉ, RIO DE JANEIRO
GRUPO MUSICULTURA – CEASM/REDE MEMÓRIA**

Diogo Vitor Araújo
Anderson S. de Barros
Geandra N. do Nascimento
Itamar Junior
Jaqueline Souza de Andrade
Thiago Rodrigues da Silva
Leonardo dos Santos Marques
Monique de Lima Pureza
Nathália Faustino Pereira
Aline Cristina Souza
Vanessa Pereira de Moraes
Jéssica A. de Macedo
Hudson Lima de O. Mendes
(CEASM)
Sinesio Jefferson Andrade Silva
Mariluci Correia do Nascimento
Alexandre Dias da Silva
(História - UFRJ)
Victor Neves de Souza
(Música - UFRJ)
Helaine Christian Alves
UFRJ

Resumo

Com base nos princípios da pedagogia de Paulo Freire, eixo fundamental do projeto “Música, memória e sociabilidade na Maré”, argumenta-se aqui que, a partir do momento em que os moradores das comunidades pesquisadas se redefinem como sujeitos históricos, se auto-pesquisam e produzem documentos sonoros e audiovisuais que conduzam à reflexão sobre si mesmos, mais que à triste contemplação de sua própria virtualidade, o direito ao som e à imagem se insinuam como subversão da discussão hoje predominante centrada exclusivamente em noções de propriedade privada. Com isso, procura-se apontar para aqueles vetores que realmente impulsionam a configuração do “problema”, como a regulação da vida por concepções de mercado, o drama agudo da exclusão social e a banalização da vida cotidiana rumo à representação sem significado. Resgatar o papel das representações sonoras e imagéticas—sugere-se—se torna possível tão somente em outro quadro de relações cognitivas, em que o conhecimento, em si, deixe de ser índice de relações assimétricas de poder e instrumento de dominação, separando antagonicamente sujeitos e objetos sociais, para tornar-se um patrimônio humanamente construído e compartilhado.

Palavras-chave: pesquisa participativa; pedagogia libertadora; direitos de imagem.

Abstract

Based on the pedagogical principles of Paulo Freire, axis of the project “Música, memória e sociabilidade na Maré” (Music, memory and sociability on Maré), it is stated here that, since the inhabitants of the researched communities redefine themselves as historical subjects, research themselves and produce documentation by means of audio and video that lead to a reflexive thought about themselves – instead of sadly gazing upon their own virtuality – the right to their own sound and to their own image appear as potential subverters of the debate that is nowadays focused exclusively on the concept of private property. From here on, we try to point out some vectors that are really important to configure our “problem”, as the regulation of life by market, the social disease of exclusion, the banalization of everyday’s life leading to senseless representation. Recovering the role of audio and imagetical representation – we suggest – becomes possible only on another plan of cognoscenti relations, on which knowledge, per se, is not anymore an indicator of asymmetrical power relationships and instrument to control and subjugate, antagonizing social subjects and objects, to be a patrimony collectively built and shared.

Este trabalho é resultado de colaboração por período de pouco mais de um ano entre uma equipe de pesquisadores do Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um grupo de pesquisadores, Grupo Musicultura, formado pela anterior, entre 20 jovens residentes do Bairro Maré, área residencial na cidade do Rio de Janeiro estigmatizada pela exclusão social e violência relacionada ao comércio ilegal de drogas e à desintegração do tecido social como um todo. Os pesquisadores do Musicultura empreendem um balanço do processo de sua formação e de suas primeiras experiências em pesquisa e registros de som e imagem, comentando as implicações éticas e, de certo modo, legais do trabalho em andamento.

O escopo do projeto

O projeto “Música e Memória na Maré”¹ formalizou-se a partir da parceria entre o Laboratório de Etnomusicologia da Escola de Música da UFRJ e o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), que desenvolve projetos naquela região da cidade, principalmente nas áreas de educação, cultura e comunicação.

Partindo de uma visão paulofreireana de educação, esta pesquisa vem se desenvolvendo através de um planejamento aberto de ações. Isso significa dizer que o delineamento do objeto e o desenvolver da pesquisa vêm sendo construídos coletivamente, pelo conjunto de seus participantes. A pedagogia libertadora de Paulo Freire, que propõe acima de tudo o diálogo, em que todos são educadores e educandos, tem sido empregada em nosso processo de trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa vem se dando a partir da constituição de um grupo de vinte jovens secundaristas (todos eles residentes em comunidades que compõem a Maré) e quatro universitários.² A seleção deste grupo iniciou-se a partir de entrevistas individuais, nas quais explicava-se um pouco da idéia do projeto, tendo em vista a possibilidade de compromisso de cada um para com este. Seria necessário que todos dispusessem de tempo para as atividades de formação, debates e pesquisa de campo, e que pudessem transitar por todas as áreas da Maré.

A equipe desenvolveria a pesquisa em três fases sucessivas e bem definidas: formação, pesquisa de campo e estruturação do material em um acervo. Cada fase teria a duração de quatro meses: logo, estimava-se que, ao final de um ano, os resultados seriam atingidos. Todo o grupo de pesquisadores deveria se reunir pelo menos às segundas e quintas-feiras pela manhã, de 10 às 12h.

Na primeira fase, trabalharíamos de forma dialética a formação do grupo de pesquisadores, no sentido de prepará-los para o trabalho investigativo e reflexivo, ao mesmo tempo em que definiríamos coletivamente os objetos de nossa pesquisa. Na segunda fase, iríamos a campo coletar material e iniciar o trabalho de reflexão sobre ele. Na terceira, organizaríamos um acervo, ou banco de dados, com o material coletado e textos, análises e reflexões sobre a circulação de música na Maré. Este acervo deveria ser acessível tanto à comunidade acadêmica quanto à própria comunidade pesquisada.

¹ Sub-projeto integrado ao Samba e Coexistência, já mencionado à página inicial deste texto.

²Três dos quatro universitários, todos da UFRJ, são estudantes de graduação em História, sendo o quarto estudante de graduação em Música (Composição).

Começamos, na primeira etapa, a aplicar a proposta do educador Paulo Freire (1966, 1996) no sentido de, ao mesmo tempo em que delimitávamos juntos os objetos, as técnicas e a própria metodologia da pesquisa, preparar nosso grupo (ou seja, nos prepararmos) para intervir coletivamente nesta. Debates textos de Alan Merriam (1964), Jacques Attali (1985), Hermano Vianna (s.d.), Anthony Seeger (1987), Bruno Nettle (1985), entre outros que poderiam nos ajudar nesta etapa. Ao ser colocada em prática, esta fase mostrou-se extremamente rica em si mesma, gerando muito material sobre o qual refletir (todos os nossos encontros de 2ª e 5ª foram registrados em MiniDisk) e que passou a ser considerado parte do próprio objeto de nossa pesquisa. Vimos que não seria possível executar o trabalho da forma inicialmente planejada, nem no tempo estipulado e, com o consenso de todo o grupo, resolvemos que poderíamos estender as fases do projeto, na medida em que achássemos necessário.

“A primeira etapa foi uma espécie de aprendizagem onde nós tivemos noções do que é música, do que é pesquisa e seus objetivos, fizemos debates e exercícios musicais onde escutávamos o som e tentávamos identificar os instrumentos usados, assistimos a vídeos com práticas musicais, mapeamentos, etc.”, declara Nathália, um dos membros do grupo Musicultura. Outro participante, Anderson, afirma que *“no decorrer do projeto todos aprendiam um pouco como fazer uma boa pesquisa de campo, já que ninguém tinha experiência com pesquisas deste tipo. Assistíamos a vídeos com pesquisas sobre as quais debatíamos, avaliando o que havia de bom e de ruim em cada uma. Assim, foi trocando idéias e observando que aprendemos a fazer uma boa pesquisa”*. De acordo com Mariluci, *“A ausência de um plano de trabalho bem definido nos causou estranhamento no início. Já sabíamos que não estávamos ali para aprender a tocar um instrumento mas não sabíamos o que, exatamente, iríamos fazer. Esperávamos por espécies de aulas ou coisa parecida, mas o que chegou até nós foi uma proposta de que nós mesmos construíssemos a pesquisa, desde a definição dos objetos até o planejamento e a execução do trabalho. Não nos foi fornecido um número de tarefas para que executássemos: nós deveríamos formular que tarefas seriam essas.”* Sobre o alargamento da primeira etapa, Vanessa afirma que *“ela durou muito mais tempo do que havíamos planejado e, juntamente com a formação, nós começamos a fazer pesquisas nos locais que freqüentamos em nossas comunidades e a fazer relatos do que observávamos”*.

Na segunda fase começou o trabalho de campo. A partir daí, mudou o funcionamento do grupo de pesquisa. Passamos a delimitar que tipos de temas seriam discutidos em cada

reunião do grupo, e passamos a ter três reuniões por semana, uma das quais é opcional (quarta-feira, pela manhã).

Às segundas-feiras, todo o corpo de pesquisadores se reúne a partir das 10h até as 12h com os orientadores do projeto. O objetivo é discutir textos etnomusicológicos, antropológicos, sociológicos e da área de comunicação e, ainda, trocar informações entre os sub-grupos, divididos em “música e identidade”, “música e sociabilidade” e “música e economia”. Esses sub-grupos foram criados objetivando dinamizar a pesquisa. Os encontros gerais contribuem na formação crítica e científica dos membros da equipe, e auxiliam na metodologia para a pesquisa de campo.

Às quartas-feiras, das 10h às 12h, é realizado um trabalho de capacitação técnica, que inclui manejo de câmera filmadora, técnicas de filmagem, manejo de gravadores digitais, técnicas de entrevista, além de orientação para a utilização de programas de informática específicos para captura e edição de áudio e vídeo. O encontro das quartas-feiras é orientado pelo educador em vídeo do CEASM e por um mestrando da Escola de Música da UFRJ, sob a supervisão dos orientadores do projeto. Nesses encontros assistimos a vídeos, documentários, objetivando compreender melhor as técnicas de filmagem documental, e editamos sons e imagens captadas na pesquisa de campo.

Às quintas-feiras, os membros dos sub-grupos se encontram a partir das 09h até as 10h30. Esses encontros objetivam o trabalho de preparação do banco de dados envolvendo catalogação e passagem para suportes em CD e DVD dos materiais coletados, além da formação de textos de análise e discussão, para a participação em apresentação de trabalhos e em simpósios de pesquisa. Das 10h30 às 12h30 acontece mais um encontro geral. Neste, inicialmente, são avaliados os trabalhos de cada grupo, e os pesquisadores trocam suas experiências nas atividades de campo. Então, são discutidas novas tarefas e atividades a serem realizadas por cada sub-grupo, bem como planejadas as próximas atividades de pesquisa em campo. No encontro de quinta-feira o trabalho prático fica mais evidente, e é distribuído de acordo com as necessidades gerais do projeto e com as possibilidades de seus membros. Nestes encontros também ficam mais claras nossas dificuldades e nossos avanços.

Toda semana membros do grupo se reúnem para a realização de observação e registro de manifestações musicais na Maré. São gravadas em vídeo imagens dos locais onde ocorrem atividades musicais em pleno funcionamento, podendo ser marcadas entrevistas e feitos novos contatos com os frequentadores dos espaços. Estas atividades de campo geral-

mente acontecem aos finais de semana em locais variados. Como parte das atividades de campo também são realizadas entrevistas com moradores da Maré, que freqüentam ou freqüentaram os espaços musicais do bairro. Estas entrevistas podem ser filmadas ou gravadas em áudio. Também é feito o que nós chamamos de “paisagem musical”, que consiste em um passeio pela comunidade registrando em áudio a diversidade musical de suas ruas, becos e ruelas.

Até agora, já documentamos ensaios, eliminatórias de samba para o carnaval, e o próprio desfile (no Grupo de Acesso “C”) da G.R.E.S Gato de Bonsucesso – a única Escola de Samba da Maré, localizada na comunidade da Nova Holanda. Também já escrevemos alguns ensaios etnográficos sobre bailes funk, registramos em vídeo um Concurso de Lamberóbica ocorrido na Praça Principal do Parque União, gravamos também em vídeo um culto evangélico na Assembléia de Deus na Vila do Pinheiro, entre outras atividades que já documentamos. Continuamos a freqüentar espaços onde há música na Maré, e ainda há muito a ser feito.

A terceira fase já começou, mas é a menos adiantada do projeto. Vale notar que as fases, após iniciadas, não terminam. Elas se interpenetram, de modo que hoje estamos trabalhando o primeiro, o segundo e o terceiro “momentos” ao mesmo tempo, embora possamos dar mais ênfase a um ou a outro aspecto, a depender das necessidades da pesquisa e da avaliação do grupo.

Um problema que freqüentemente ocorre em pesquisas acadêmicas na área das ciências sociais é a ausência de uma integração efetiva entre o trabalho de pesquisa e as comunidades pesquisadas. Isso se materializa de algumas formas, entre as quais vale destacar: em primeiro lugar, o total controle sobre o próprio processo de pesquisa pelo pesquisador acadêmico, que normalmente não faz parte da comunidade (e mesmo que faça, não interage de forma a envolvê-la na construção do olhar que ele lança sobre ela); em segundo lugar, o isolamento do que é produzido em relação às próprias comunidades pesquisadas, pois mesmo quando algum “produto” da pesquisa retorna, ele é estranho a estas por ter sido construído de forma exógena. Além disso, algumas das pesquisas propostas e executadas em comunidades “carentes” trabalham como se esses espaços não fizessem parte do contexto social geral.

Este problema de integração gera um conflito que envolve o direito de imagem dos pesquisados. Isto tem a ver com as deficiências no compartilhamento dos dados obtidos

junto à comunidade da forma acima sugerida, entre outras questões que, quando são discutidas, o são somente no meio acadêmico, e descoladas da atividade de pesquisa.

Em nosso trabalho, compartilhar é um dos objetivos da pesquisa. A democratização dos dados e conclusões é uma preocupação constante, que vem se materializando através da parceria existente com a Rede Memória da Maré (que faz parte do CEASM). Além disso, a própria constituição do processo de trabalho, como já exposto anteriormente, trata a comunidade não como mero objeto para nossos “estranhos pesquisadores”, mas como sujeito atuante. Sujeito atuante tanto na decisão de como enxergar a si próprio, quanto na formulação dos meios através dos quais os frutos destes olhares serão aproveitados por si. Assim, garantir que os moradores tenham acesso ao trabalho realizado em conjunto com eles próprios e possam elaborar a partir daí idéias de auto-representação impõe-se como uma de nossas metas.

Referências bibliográficas

ATTALI, Jean-Jacques. *Noise; A Political Economy of Music*. Trad. Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 23ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. [1ª ed. 1970].

MERRIAM, Alan: *The anthropology of music*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1964.

NETTL, Bruno: *Música folklórica de los continentes occidentales*. Madri: Alianza, 1985.

SEEGER, Anthony: *Why Suyá Sing: a musical anthropology of an Amazonian people*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

VIANNA, Hermano: *Funk e cultura popular carioca*. (Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/76.pdf>; acesso em 28/04/2005).